

RESENHA

*Alan Rennê Alexandrino Lima**

KETCHAM, Sharon Galgay. **Reciprocal Church: Becoming a Community Where Faith Flourishes Beyond High School**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2018. 198p.

Esta obra foi escrita com o objetivo de analisar uma situação por demais comum nas igrejas, que é o abandono da fé por parte de inúmeros jovens, logo depois de terem completado os seus estudos no ensino médio (no contexto da autora, o High School). Esses jovens podem ser divididos em três grupos distintos: os que estão fartos ou cansados da fé cristã, os que não possuem nenhuma filiação religiosa e os espirituais, mas não religiosos, que não estão comprometidos com nenhuma igreja institucional. Além de se propor a uma análise, a obra também apresenta uma proposta para uma nova visão a respeito de como devem ser os relacionamentos entre as pessoas em uma igreja, com valores e práticas que devem ser cultivadas, de modo a permitir que a fé floresça nas pessoas e comunidades locais. A autora, Sharon Galgay Ketcham, possui um PhD em Teologia e Educação pelo Boston College e é coordenadora (department chair) e professora de Teologia e Ministério Cristão no Gordon College, em Massachusetts.

Na Introdução, a Dra. Ketcham inicia a sua análise com uma discussão do que vem a ser uma “igreja recíproca”. Após discorrer sobre as múltiplas imagens que o termo “recíproca” fornece, ela afirma que uma igreja recíproca “confia que o movimento de empurrar e puxar entre as pessoas é vantajoso para nós, pois o efeito multiplicador do Espírito nos faz a igreja de Cristo” (p. 2).

* Mestre em Teologia Sagrada (STM) pelo CPAJ, na linha de pesquisa Teologia Sistemática (2016); bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, 2010) e pelo Seminário Teológico do Nordeste (Teresina, 2005). Professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico do Nordeste e na FITRef. Pastor da Igreja Presbiteriana do Cruzeiro do Anil, em Teresina (PI).

Para se entender essa afirmação, é necessário atentar para o que ela afirma antes, no sentido de que o termo “recíproca” sugere algo distinto de um movimento puramente linear e de mão única. Antes, a ideia de empurrar e puxar comunica algo como a interação, o dar e receber entre as pessoas de uma comunidade local. Nas páginas que se seguem, ela expõe em detalhes como essa reciprocidade se expressa em termos de valores e práticas que devem ser cultivadas na igreja entre os seus membros.

A grande preocupação da autora é com os números que compõem as estatísticas em torno da evasão de jovens das igrejas. De acordo com ela, essas estatísticas sempre comunicam a mesma realidade: “As práticas de ministério para a juventude não apoiam de modo consistente uma fé sustentada para além do ensino médio” (p. 13). Partindo de uma experiência contrária àquilo que é reportado pelas estatísticas, Ketcham apresenta a sua proposta quanto a valores e práticas que devem ser cultivadas por uma igreja recíproca, dividindo assim a sua obra em dez capítulos organizados em duas partes, cada qual com cinco capítulos.

Na primeira parte, a autora apresenta uma visão teológica para a igreja recíproca. Ela apresenta quatro modelos que tentam apresentar soluções para o problema da evasão de jovens da igreja (médico, arqueólogo, engenheiro e técnico), demonstrando seus pontos fortes, mas também os seus problemas inerentes. De acordo com ela, algumas perguntas precisam ser respondidas a fim de se obter um correto diagnóstico e para se poder chegar a uma solução satisfatória: “Qual é o relacionamento entre a pessoa e a comunidade de fé? Como temos entendido esse relacionamento nas práticas do ministério com jovens, e como deveríamos entender?” (p. 19). Tais perguntas são essencialmente teológicas, buscando a compreensão acerca do relacionamento entre “Deus, a igreja de Cristo e a obra do Espírito entre as pessoas” (p. 20). Sua preocupação é notadamente eclesiológica, uma vez que diferentes denominações possuem diferentes compreensões da natureza e da função da igreja. Por este motivo, essas diferentes denominações precisam compreender que a formação e a nutrição da fé nos jovens é uma questão, acima de tudo, eclesiológica.

No capítulo 1, Ketcham aborda algumas propostas ruins apresentadas por igrejas, mais influenciadas pela cultura do que engajadas em uma profunda reflexão teológica. Ela designa essas propostas como “as águas da nossa cultura”, quais sejam: 1. As águas da mobilidade, que vê a igreja essencialmente como um conglomerado de voluntários e, dessa forma, as pessoas se veem menos obrigadas umas às outras, uma vez que elas escolhem a que comunidade pertencer; 2. As águas da especialização, que vê as igrejas como provedoras de serviços relevantes para uma sociedade cada vez mais acostumada à contribuição de diferentes setores; e 3. As águas da comodidade, que vê a igreja como tendo a função de proporcionar determinadas conveniências para o bem-estar das pessoas. De acordo com a autora, essas águas culturais têm

criado inúmeros problemas para os relacionamentos entre os jovens e pessoas de outras idades na igreja, uma vez que eliminam a noção de pertencimento e também acabam por tornar confusa e reduzir a mensagem do evangelho a algo relevante meramente no nível individual. A suma do capítulo é que os ministérios que trabalham com a juventude não precisam apenas se esforçar mais ou aumentar o número das suas atividades. Eles precisam repensar o cerne, a substância do que têm apresentado aos jovens.

O capítulo 2 lida com outra importante pergunta, que foca o relacionamento entre o indivíduo e a igreja local: “Como deveríamos entender o relacionamento entre o cristão e a comunidade de fé?” (p. 29). Ketcham apresenta, em seguida, três respostas, cada uma envolvendo uma visão a respeito da igreja, uma eclesiologia específica. A primeira resposta é a da “visão supérflua”, que vê a igreja como não necessária para o amadurecimento e o crescimento do cristão como seguidor de Jesus Cristo. Essa resposta costuma ser o resultado de experiências ruins por parte do indivíduo na igreja. A segunda resposta é a da “visão de apoio”, que enfatiza a fé pessoal, enquanto a igreja possui o papel de apenas dar suporte ou proporcionar apoio para que a fé pessoal floresça. Todas as atividades da igreja, desde os cultos, passando por estudos bíblicos e chegando às atividades de serviço, servem como condutores para que a fé do indivíduo cresça e amadureça. A terceira resposta é a da “visão vital”, que enxerga a igreja como possuindo um papel imprescindível para o amadurecimento da fé da pessoa. A visão vital propõe um duplo papel para a igreja: “Nutrir o relacionamento de um indivíduo com Deus e o relacionamento da comunidade entre si” (p. 31). As duas primeiras respostas são defectivas, enquanto a terceira se apresenta como essencial para o florescimento da fé dos jovens em uma comunidade local.

No terceiro capítulo, Ketcham começa a expor os detalhes da visão vital da igreja, discorrendo a respeito da identidade do povo de Deus. Tal identidade, de acordo com ela, é a de um povo reunido por Deus, que engloba indivíduos de todas as idades em um relacionamento de tal natureza que cada grupo coopera para o crescimento dos demais e é por eles ajudado a florescer. Observação muito importante é feita no sentido de que as igrejas “não são provedoras de serviços, trabalhando na melhor maneira de levar Jesus (um produto espiritualmente benéfico) às pessoas” (p. 45). Da mesma forma, o ministério com jovens não deve ter o objetivo de personalizar Jesus para os jovens. Antes, a igreja é tanto um povo que pertence a Deus como também um povo em que cada pessoa pertence às demais. É isto que, de acordo com a autora, significa ser um “povo pactual” (p. 48). Como tal, a igreja é quem as pessoas são, tanto em sua relação com Deus como nos seus relacionamentos interpessoais.

O propósito vital desse povo é discutido no capítulo 4, em que Ketcham o afirma em termos de relacionamentos que realizam reconciliação. O propósito divino da igreja é o de servir como embaixadora da reconciliação. Lançando

mão das contribuições de Dietrich Bonhoeffer em sua tese de doutorado intitulada *Sanctorum Communio*, a autora apresenta três diferentes dinâmicas de relacionamento, a saber: 1. A da comunidade primordial, que nada mais é do que a comunidade escatológica, definitiva, na qual a reconciliação se mostrará concluída; 2. A da nenhuma comunidade, que foca os relacionamentos quebrados pelo pecado; e 3. A da *sanctorum communio*, ou comunidade recíproca. Aqui, a ideia é que a igreja, mesmo composta por pessoas ainda pecadoras e que experimentam dificuldades em seus relacionamentos, é uma comunidade santa, separada por Deus, em que todas as pessoas, de todas as idades, experimentam a reconciliação operada por Cristo e tomam parte ativa na obra de reconciliação, para que esta alcance outras pessoas. A igreja é, então, uma comunidade que possui como marca o amor entre as pessoas de diferentes idades.

No capítulo 5, a autora volta a sua atenção para a igreja como uma comunidade instrumental nas mãos do Espírito Santo. Por meio de uma breve exposição de Colossenses 3.1-17, Ketcham defende que os relacionamentos entre os cristãos, em uma comunidade de fé, é “um caminho único para o amadurecimento da fé cristã” (p. 72). Isto se dá pela maneira como cada cristão é ressuscitado juntamente com Cristo, para edificação mútua. E a presença do Espírito Santo nessa comunidade é a verdadeira fonte de poder para que essa obra seja realizada. O Espírito trabalha libertando as pessoas da escravidão para viverem para Deus e umas para as outras. O resultado dessa obra é uma comunidade na qual as pessoas experimentam relacionamentos plenamente reconciliados. Por esta razão, Ketcham afirma: “Se este é o propósito da presença do Espírito entre nós, a nossa igreja e as prioridades do ministério com jovens devem buscar estar alinhadas com o propósito do Espírito” (p. 82). E é o poder do Espírito que se constitui como a “nossa fonte para o chamado aparentemente impossível de viver como um povo reconciliado” (p. 83).

Nos cinco últimos capítulos, que constituem a segunda parte da obra, Ketcham apresenta valores e práticas para o florescimento das comunidades. O foco agora está no que precisa ser feito para que uma igreja seja transformada em uma comunidade caracterizada pela reciprocidade, de maneira que jovens e pessoas de outras idades se ajudem mutuamente.

No capítulo 6, a autora trabalha o que ela chama de “valorização da memória”. De acordo com ela, as memórias ou lembranças são importantes para que uma comunidade se torne recíproca. Isto está fundamentado em quem Deus é, como o Deus onisciente, que conhece todas as coisas e de quem nenhuma memória escapa. Essa memória divina, todavia, também é responsiva, no sentido de que ela responde àqueles com quem Deus está em relacionamento. As Escrituras apresentam o Senhor se lembrando do seu povo e, a partir daí, agindo para o bem do mesmo. Para uma igreja, a importância das memórias reside na segurança transmitida e na sensação de pertencimento que elas concedem a cada pessoa que dela faz parte. O compartilhamento de memórias tem

o objetivo não apenas de segurar os adolescentes e os jovens, mas também de torná-los atores da sua própria história, ligando-os ao passado da comunidade e inserindo-os num *locus* em que eles se tornam parte ativa daquela história que se estende até o presente e que continuará no futuro.

No capítulo 7, Ketcham defende a valorização da mutualidade. Por mutualidade, ela quer dizer “interdependência” entre pessoas diferentes que vivem em uma mesma comunidade. A mutualidade não significa uniformidade ou conformidade, em que as diferenças entre as pessoas são sublimadas ou apagadas artificialmente, mas, sim, a unidade em meio à diversidade, em que as diferenças, nas suas mais variadas formas, se apresentam como preciosas oportunidades de crescimento. De acordo com a autora, “mutualidade em uma comunidade cristã envolve pessoas descobrindo como as suas diferenças são benéficas umas para as outras, tanto quanto o que elas têm em comum” (p. 113). E, uma vez que o poder do Espírito opera nessa comunidade, jovens, adolescentes, crianças e adultos vivem em reciprocidade, mesmo com todas as suas diferenças. Essa mutualidade pode ser alcançada por meio do compartilhamento da fé, das responsabilidades e, acima de tudo, do amor.

Os capítulos 8 e 9 podem ser vistos como uma unidade, uma vez que discorrem sobre a necessidade de se reconhecer o potencial dos jovens e de valorizar a contribuição que os mesmos têm a dar para a vida da comunidade. De acordo com Ketcham, as igrejas cometem um sério erro quando enxergam adolescentes, jovens e o ministério com jovens como problemas e não como oportunidades. Essas são lentes ruins pelas quais se enxergam esses grupos. É preciso que as lentes sejam ajustadas, para que adolescentes e jovens sejam vistos como repletos de potencial. Independentemente da idade, cada pessoa na igreja tem potencial para contribuir com o florescimento da fé em toda a comunidade. Cada jovem deve ser visto como uma vida criada por Deus. Importante observação é feita pela autora, no sentido de que “ver o potencial de um jovem é, primeiro, um ato de culto oferecido ao Criador” (p. 133). Além disso, cada jovem deve ser visto como uma vida arruinada pelo pecado. Assim, enxergar o potencial de cada jovem inclui a necessidade que eles possuem de um Redentor, para que o pecado não venha a diminuir o seu potencial e, desse modo, consigam oferecer a sua contribuição única para o Corpo de Cristo, através dos espaços criados para eles e do desenvolvimento dos seus dons.

No décimo capítulo, Ketcham fala a respeito da valorização da maturidade. A tese aqui expressa é extremamente importante, tendo em vista que, muitas vezes, a pressuposição é a de que apenas adolescentes e jovens precisam amadurecer em sua fé, quando, na realidade, a maturidade é uma necessidade de toda a igreja, independentemente de idade. Isto ecoa Efésios 4.13, onde a maturidade segundo a “perfeita varonilidade, a medida da estatura da plenitude de Cristo” é apresentada como o alvo de “todos”, não apenas de alguns. Maturidade pode ser traduzida em termos de crescimento em amor, ações maduras,

que nada mais são do que ações decorrentes da proclamação a respeito do que Cristo realizou em benefício da igreja. Ademais, essa maturidade faz com que as pessoas de diferentes idades compreendam que os “nossos relacionamentos difíceis são projetados para receber o poder do Espírito, a fim de crescermos como pessoas e como comunidades” (p. 171).

O livro é concluído com um epílogo, no qual Ketcham resume todos os conceitos expostos ao longo dos capítulos, destacando que a reciprocidade da igreja glorifica a Deus, na qual “juntamos os nossos dons e produzimos um som que serve como um autêntico sinal do amor redentor de Deus entre nós” (p. 172).

Reciprocal Church oferece uma valiosa contribuição para a maneira como devemos pensar o pastoreio e a participação de jovens e adolescentes no seio do Corpo de Cristo. Na verdade, é preciso que haja uma reavaliação da maneira como igrejas e ministérios de jovens atuam. Em inúmeras ocasiões, a grande preocupação está na multiplicação de atividades e programações, com o objetivo de manter os jovens na igreja. Não obstante, essa multiplicação de atividades e programas acaba por se transformar em algo cansativo e que exaure aqueles aos quais se propõe a ajudar. Não é à toa que um dos três grupos aludidos por Ketcham é o dos “cansados” da fé cristã. É preciso que haja uma modificação na maneira como as igrejas olham para os jovens, não apenas para modificarem os seus programas, mas para modificarem a si mesmas, naquilo que oferecem aos jovens: não um vasto cardápio de programações e eventos, que produzem efervescência por um tempo para, logo depois, dar lugar a um sentimento evanescente de falta de propósito e de pertencimento. Mas a si mesmas, por meio de uma redescoberta da natureza comunitária e interdependente da igreja de Cristo.

Indubitavelmente, a igreja brasileira seria beneficiada com a publicação em português de *Reciprocal Church*. Queira o Senhor providenciar que a mesma se realize.